

## **A figura feminina de Deus na Cabana: Revisitando os termos femininos de Deus no Antigo Testamento.**

*“Ninguém deve escandalizar-se de que para os hebreus o Espírito seja do gênero feminino, sendo embora masculino em nossa língua e neutro em grego. Na divindade não ha nenhum sexo. Por isso, nas três línguas principais em que foi escrita a Paixão do Senhor, e escrito nos três gêneros, para que compreendamos que não pertence a nenhum deles Aquele que esta acima deles” (Jeronimo).*

Quando li pela primeira vez o livro **A Cabana**, de William P. Young, nos meados de 2010, eu ainda me encontrava no campo missionário. Naquele contexto, vários pontos promoveram impactos profundos na minha maneira de ver Deus. Na verdade, pouco antes, eu até havia lido algo que advertia acerca do “risco” que esta leitura podia causar às mentes e à fé dos fiéis. Porém, àquela altura, eu já tinha tomado por premissas que o um conhecimento não ocupa espaço em detrimento de outro e que a fé madura não precisa de guardiões externos que mensurem e digam o que se deve ou não ser lido. Além disso, eu já estava no meio de uma graduação em Antropologia e o contato com outras leituras não-teológicas já tinha me convencido de que havia outros saberes também enriquecedores fora do campo religioso.

**A Cabana**, contudo, não era do gênero acadêmico e sim uma ficção cristã! Incomodava-me muito exatamente porque me fazia ver Deus de um modo nunca visto – nem imaginado – antes. O “Papai” era (ou melhor, “estava”) uma mulher! Nada mais complicado, nem na teologia, nem na cultura cristã de que eu fazia parte, e nem mesmo nas concordâncias de figuras de gênero. “Papai” – como assim se referia a Deus a esposa de Mack, o protagonista do drama – era uma carismática mulher negra, “enorme e sorridente”, com o perfume que lembrava a Mack a sua sofrida mãe. Seu nome era Elousia e estava assando biscoitos enquanto ouvia rock de um grupo de jovens que ainda nem havia nascido... Deus Pai assim? Ao final, compreendi que tal manifestação de Deus se devia, talvez, à péssima concepção de pai que Mack havia desenvolvido a partir do pai humano que tivera. Portanto, inicialmente, uma mãe dialogaria mais com ele. Sanada esta relação com o pai no coração de Mack, Elousia reaparece finalmente na figura de um homem, afirmando que naquele momento e para a tarefa à vista, Mack iria agora “precisar de um pai”.

À parte o drama da perda da filha de Mack, sequestrada, assassinada e ocultada por um maníaco – o que, por sinal, mexeu profundamente comigo enquanto pai de uma menina -, e da provocação em torno de como Deus permite o sofrimento de justos, ver Deus Pai como uma Mãe foi muito revolucionário! E tinha mais: o Espírito Santo de Deus foi representado

por outra personagem feminina, a suave Sarayu, uma jovem oriental que cuidava de jardins e colecionava lágrimas.

Anos após esta leitura que tanto gerou pensamentos e considerações na minha teologia matricial e no modo de ver Deus, novamente me deparo com a figura feminina de Deus, desta vez no curso **O Sagrado Feminino no Cristianismo**, oferecido pela Universidade Lusófona e lecionado pela profa. Dra. Lidice. Especificamente a Aula 3, que abordou as evidências do sagrado feminino na Bíblia a partir da presença de arquétipos deste sagrado nas histórias do Antigo Testamento e no imaginário do povo de Israel, me reaqueceu a memória da Cabana.

Deus, sendo uma totalidade, tem em si tanto o masculino como o feminino. É possível ver uma fundamentação para o autor de **A Cabana** num olhar para os termos femininos que representam Deus no Antigo Testamento. Mesmo sendo Israel uma cultura patriarcal a que, como tal, de imediato se atribuem expressões machistas e dominantes que secundam a mulher na sociedade, percebemos usos de termos femininos associados a Deus, como a *Hokmah* (חכמה), a sabedoria orientadora possuída por Deus desde antes da criação (Pv 8:23-31; Jó 29:12-27); a *Ruah Elohim* (רוח אלהים), o Espírito criador de Deus que preenchia a terra (Gn 1:2); além da *Shekinah*, a presença de Deus, e das muitas figuras afetivas que Deus usa para se referir a sua relação com o povo de Israel (e seu ungido) que mais se assemelham à relação materna, ao falar-lhes como filho gerado (Sl 2:7), formado desde o ventre (Is 44:2, 24), tomado nos braços (Is 46:3, Os 11:1-4) e sentido nas entranhas (Jr 31:20).

Em suma, Deus não é pai nem mãe, nem homem nem mulher no tocante a gênero/sexo. Como está acima da matemática (a trindade), ele está também acima desta dicotomia, mas não ausente dela. Como um ser que é pleno e que a tudo preenche, nenhuma representação de Deus pode, por si só, dar conta da sua totalidade. Homem – seja criança, jovem ou idoso -, mulher, pomba, leão, cordeiro, vento, pai, mãe, etc., são apenas termos usados em contextos específicos e com mensagens pontuais naqueles contextos. Figuras são símbolos, não formas definitivas. Elas expressam sentidos culturais, não definições completas do simbolizado. Em tese, este é o problema da idolatria: uma redução de Deus a uma forma ínfima e mínima, incapaz de expressar Deus todo. Da mesma forma, seria reducionismo (para não dizer idolatria) pensar Deus como homem, sobretudo com base em uma leitura enviesada pela dominação cultural de um gênero, desprezando o componente que a natureza feminina representa e expõe com muito mais clareza do que a figura masculina viril clássica.

**Ricardo Lopes Dias**

Teólogo, Antropólogo, Doutor em Ciências Humanas e Sociais